

BRUNO BARRETTO GOMIDE ●

Kuprin

Em português

A história cultural costuma retratar a virada do século XIX para o XX na Rússia como uma época transicional e crepuscular, uma espécie de hiato entre a crise daquela sociedade agrária e patriarcal, feita de tortuosidades inapreensíveis, e, como diria certo personagem de Isaac Babel, a “curva misteriosa da linha reta de Lênin”. Se de fato há sensação de instabilidade e um ambiente de expectativa e de fermentação naquele período, espremido pela força titânica dos romances de Dostoiévski, Gógol, Turguêniev e Tolstói e pela voracidade das vanguardas, seria enganoso defini-lo como mortiço. Essa caracterização não dá conta da extrema variedade e da riqueza das propostas



O Bracelete de Granadas, de Aleksandr Ivánovitch Kuprin, seleção, tradução e posfácio de Noé Silva, São Paulo, Globo, 2006.

BRUNO BARRETTO GOMIDE é professor do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH-USP.

estéticas – as múltiplas correntes da “era de prata” – e políticas daqueles anos.

Em meio a simbolismos, protovanguardas, humanitarismos de todo tipo, radicalismos políticos e místicos, ali há muitas preciosidades a serem traduzidas para o leitor brasileiro. Este, em linhas gerais, vislumbra o período apenas por intermédio de Tchekhov e Górkí, cartões de visita possantes, sem dúvida, mas que se tornam figuras ainda mais intensas se a vida intelectual na qual se moveram estiver delineada com maior complexidade.

A tradução de contos de Aleksandr Kuprin (1870-1938), ora apresentada em esmerada tradução de Noé Silva, é um projeto de delicadeza que vem ajudar a adensar esse universo cultural. Kuprin era um nome que, desde os anos 1930, aparecia aqui e ali em antologias e periódicos brasileiros como um daqueles autores russos genéricos, aos quais se atribuía, beirando o lugar-comum, um tipo de preocupação filantrópica e social elevada. Ficava difícil saber onde terminava Górkí e começava Kuprin, e onde este tensionava-se com Búnin e Andriéiev, para dar apenas alguns exemplos de escritores que lhe eram próximos (todos agrupados em certo momento na editora Znânie, que teve Górkí como figura de proa) e que tiveram

fortunas críticas mais alentadas entre nós. Com essa tradução, o leitor poderá aquilatar tais aproximações e distanciamentos.

Kuprin foi extremamente popular na Rússia da primeira década e meia do século XX, período do qual é extraída a maior parte dos nove contos selecionados para essa antologia. Mesclando formas de realismo documental e testemunhal tributárias de certas perspectivas da *intelligentsia* (epitomizadas na proposta gorkiana de “ida ao povo”) com os traços mágicos e fabulares das fantasias finisseculares, Kuprin também foi famoso pela vida marcante. Sua *persona* robusta alternou, entre outras, as atividades de estivador, repórter, sacristão, pescador, artista de teatro e operário. Sua biografia atribulada comportou todas as peregrinações da época, inclusive o exílio, em 1919, e a volta à União Soviética já no fim da vida, quando foi acolhido com a intensidade que a Rússia costuma reservar a seus escritores. A crítica, impressionada, transformou seu “amor pela vida” em um tema recorrente. Aproveitando o ensejo oferecido pela presente antologia, fica a sugestão de prolongar essa amostra, representativa do melhor que Kuprin escreveu, com a tradução de *O Duelo*, romance que marcou época no ambiente da revolução de 1905.